

Suplemento Cultural

101 REINVENÇÕES – Coletânea de Raridades

SAMUEL MEDEIROS – *escritor, advogado, ex-presidente da UBE/MS*

Campo Grande recebeu, no segundo semestre do ano que passou, oferta generosa de novos livros para enriquecer o painel sul-mato-grossense. Não se pode negar que conhecer novos autores ou rever os antigos é saudável à medida que eles nos trazem novidades, e nos mostrem que a criação literária é ilimitada. É como o Universo, onde ninguém poderia alcançar seu fim; cientista ou astrônomo algum chegou ao topo dessa informação e, a literatura, como a música, navega nesse espaço infinito.

Uma das novidades foi o livro que ilustra o título deste artigo, “101 Reinvenções”. Já no título o numeral vai logo redefinindo uma duplicidade de coisas; é como se fosse uma invenção reinventada; os autores perseguem a ideia de que não é difícil compor textos onde o fraseio manóelino parece com alguma frequência. No prefácio, o professor Volmir Cardoso Pereira, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, usa a expressão “herança como um baú pesado, repleto de joias raras” e não tem como não acertar pois, os textos coletados assumem, sem nenhum pudor, a possibilidade de herdarmos o que se tem



Encontro entre acadêmicos: poetas Manoel de Barros e Geraldo Ramon e, entre eles, o também poeta Henrique de Medeiros, atual presidente da ASL.

“

O livro traz esse encantamento do ineditismo, e a poética dos textos numa linguagem sem o ranço da imitação, da complexidade e simplicidade próprias de Manoel”

de saudável em Manoel de Barros. O livro traz esse encantamento

do ineditismo, e a poética dos textos numa linguagem sem o ranço da imitação, da complexidade e simplicidade próprias de Manoel. Por isso, os organizadores se ativeram ao subtítulo “Um estudo sobre a influência da linguagem do poeta Manoel de Barros sobre a criação literária do Estado de Mato Grosso do Sul”. Aí o contraste porque, na realidade, não se trata de um estudo, é muito mais que

isso, é uma forma de dizer o que foi dito de uma outra forma. Essa coletânea cuidadosamente escolhida entre os bons autores de nosso Estado (101 deles), entre os quais, os acadêmicos Raquel Naveira, Geraldo Ramon Pereira, Lucilene Machado, Rubenio Marcelo, e este que aqui escreve. Foi um difícil desafio reunir essa centena de escritores - cumprido à risca. Mostra-se, no livro, que há este liame entre o esforço de apresentar um texto digno de uma poética sem limites.

Ao abrir aleatoriamente o volume, encontramos pérolas. Por exemplo: “Nasci engarçado/ no Pantanal” (Glauber da Rocha), ou “ser tão - dentro/sertão: a faina/a fauna/a flora em mim” (Raphael Lugo Sanches) ou “As vezes/a vontade/de sair, correr,/é tão forte,/tão

grande,/que a imensidão/que meus olhos alcançam é pouca./ E então/ começo a correr/por dentro./ É mundo que não acaba mais” (Márcia Brandão). E por aí afora vai o encantamento. Reabro de novo, e caio na página 38 onde Brígido Ibanhes trabalha os verbos fundamentais para uma poética inserida em nossas realidades.

Há uma frase atribuída a Levo Ivo: “Nem sempre os grandes escritores são bons escritores” que bem ilustra o esforço deste livro. Na verdade, ao folhearmos o 101 Reinvenções vemos gente conhecida, de reconhecido talento, e desconhecidas tão boas quanto esses. Não se busca o estilo, mas o que conta é a forma como o escritor diz o que lhe passa no consciente e, até, no inconsciente, por paradoxal que seja, pois o que ele espera é que outros, ao lerem, adotem alguma forma de pensar, se distanciem de si próprios, e se entreguem ao sentimento que a poesia revela em sua forma mais pura, assim como Diadorim para Riobaldo que lhe invadiu a alma sem pedir licença.

Os organizadores desta coletânea de raridades, Fábio Gondim e Ana Maria Bernardelli, da União Brasileira de Escritores de MS, selecionaram os textos (tanto em poesia como em prosa) com o cuidado de quem está escolhendo tons para a perenidade: nem os mais fortes, mas os mais delicados.

Par Perfeito

LUCILENE MACHADO

Começo aqui a contar o nosso começo. Nosso amor é cíclico. Começa e termina. Depois outros ciclos, recomemos, paixão e o inevitável declínio. O início de tudo foi inusitado. Cheguei a casa dele com um mapa e uma mala. Edifício alto, elevador antigo. A porta se abriu e a constatação: ele não era ele, eu era eu. Índice de intimidade zero. Entrei mascando o medo. Medo das paredes brancas, das janelas sem vistas externas, do cheiro de sabonete... tudo inspirava um cenário misterioso como aqueles dos filmes de suspense. Conheçiamo-nos pela internet, fato que por si só dá margem a alguma suspeita. Depois os conselhos dos amigos: “cuidado, você não conhece a família dele... você não conhece os amigos dele... os grandes crimes acontecem por descuidos etc. e tal”. Sentei na poltrona que me pareceu mais confortável naquele momento. Desconcertada, evitava olhar para ele, não queria a responsabilidade de quebrar o silêncio. Não queria falar de nós, pensar em nós, “nós” não existíamos. Fixei-me na estante de livros enquanto imaginava uma saída para situação. Percebi de súbito que a maioria dos livros eram policiais. Com qual intenção as pessoas leem livros policiais? A presença do perigo me acercava. Mudei de lugar para ficar mais perto da estante e mais longe dele. Precisava encontrar uma obra que eu já tivesse lido e rendesse assunto para toda a noite. Ele também se mudou. Sentei no chão. Ele perguntou se eu estava com medo. Obrigatoriedade, respondi que não. Mas o terror dançava em meus pensamentos. Arrependi-me cem vezes de ter

“

E não precisava falar porque minha pele em contato com a pele dele, falava; as ondas dos meus cabelos rolavam em círculo, contornando nossos desejos”

aceito a proposta. Culpa do teclado, das palavras, da intimidade que se cria nos ambientes virtuais. Ele se levantou. Eu o acompanhei com os olhos. Iria buscar uma arma? Apanhou o telefone e pediu uma pizza. Os crimes acontecem sempre depois do jantar. Respirei. Ele foi à cozinha e trouxe um vinho. Vi que ele tinha braços fortes e poderia dominar facilmente uma mulher. Elocubrei e elocubrei em minha frágil condição feminina. O vinho, a pizza... o vinho que se multiplicasse, amem! Eu não queria dormir, não podia dormir, precisava ter defesas, mas me lembro de ter recostado no tapete, ali mesmo na sala. Sucumbi em um sono profundo. Sonhei que era beijada e acariciada por um anjo, sobre lençóis brancos de seda. E não precisava falar porque minha pele em contato com a pele dele, falava; as ondas dos meus cabelos rolavam em círculo, contornando nossos desejos. Os beijos fechavam meus lábios e ele, sem pressa, viajava por meu corpo inteiro. Fiquei inerte, o tempo estacionado um metro acima de mim. Quarenta anos no deserto, agora aquela fertilidade branca penetrava todas as minhas células de uma vez. Uvas na minha boca para compensar a aridez da terra. Ia acumulando as emoções que partiam de todos os meus sentidos. Sinestesia era a palavra. Fui reta e temente a Deus em toda a minha vida. Merecia o paraíso. Merecia o corpo celestial. Merecia a glória...

Um ruído foi nascendo bem no fundo do silêncio. Seria o tempo? Ouvi ruídos de carros, de gente, de conversas sibilinas, agudos dissonantes, vento, tempestade... num impulso despertei-me atordoada, quando braços fortes me abraçaram sobre uma cama com lençóis brancos de seda. Não dissemos nada.

POESIAS

PARTITURAS DE PARDAIS

Apenas quero que me deixes
[em tua tenda branca]
clarear a visão para levar o graveto
caído do bico do pássaro
ao ninho do destino...

quero apenas
saciar o cio da minha sede
no filete indiferente que azuliza a fonte
e revela o refúgio seguro das pedras...

apenas quero que me olhes
com retinas em partituras de pardais
para que eu me redima
dos passos escassos de horizontes...

quero apenas que me acolhas
que recolhas
as partilhas e contestações
e que me tenhas em tuas senhas...

apenas a chama da intuição
- a despreensão de suscitar o fascínio
e o autossacrifício do silêncio.
apenas sentir-te sem finitudes
e encontrar-me...

apenas quero o sol do teu abrigo,
poema meu!

(Poema que abre a coletânea
‘101 Reinvenções’)

RUBENIO MARCELO

VOO EM DESASAS AZUIS*

(Para o poeta Manoel de Barros
- in memoriam)

Com pena de cipó, tinta de amora,
- O mistério do chão como papel -
Rabisco este soneto que ignora
Sábias ignoranças de um Manoel

De Barros... Voo-vivo, num vergel,
O ser-pássaro-azul não foi embora:
Cá ficou, na poesia de bom mel,
Qual caramujo a ejacular memória!

- Ficou teu riso no rumor dos bichos,
Tua voz nos silêncios dos corixos,
A imagem no ruflar das revoadas...

Enfim, ficaste vivo entre imortais,
Porque lograste, em versos sem iguais,
Essências do que é bom do inútil e nada!

Campo Grande-MS, 15/11/2014

GERALDO RAMON PEREIRA

*Este soneto também faz parte do livro
‘101 Reinvenções’

O 1º Trabalho Forense em Campo Grande

WILSON BARBOSA MARTINS

A decisão de voltar à terra natal mudou o rumo de minha vida e selou minha sorte. Pude conviver por mais tempo com minha família e ser útil a minha gente.

Nas cidades grandes, cada habitante é simplesmente um número. Nas pequenas, passa a ter individualidade. O nosso caboclo, na rudeza da sua expressão, diz que em terra estranha o touro é vaca - é mais frágil e vale menos. Ajudado por familiares e amigos, experimentei o sabor do crescimento rápido. Os clientes me empurraram para cima. Nem bem eu respondia uma consulta e já surgia outra. E os advogados novos precisam tempo dobrado para bem estudar e orientar suas causas e seus clientes.

No início da década de 1940, Campo Grande contava 24.479 habitantes na cidade e mais 25.120 no município e tinha um único juiz de direito, Eurindo Neves, e um promotor público, José Fragelli. O juiz despachava regularmente o expediente forense. A justiça era mais rápida. Parte da remuneração do magistrado era formada pelos emolumentos, gratificações que lhe eram pagas durante o andamento do processo. A supressão dessa vantagem aos juízes, que nos parecia um avanço, na verdade resultou em maior demora na solução das contendas. O promotor sempre foi homem de fibra. Recolocou as funções do Ministério Público na sua exata posição. No júri, acusava com desassombro bandleiros temidos.

Meus pais moravam na Rua Antonio Maria Coelho, entre as Ruas 13 de Maio e Rui Barbosa, onde me instalei. Isso, em junho de 1941. Procurei sala para o escritório, que montei no sobrado da Rua Barão do Rio Branco, acima do cartório do 4º Tabelião, Júlio de Castro Pinto, de quem fui colega e amigo. Os móveis, comprados no Terruta Ishi, cuja oficina ficava na 13 de Maio, próxima à Maracaju. A escrivaninha e duas estantes para livros, maciças, de umburana ou Angelim, ainda as tenho no meu escritório, passados tantos anos.

Os advogados que trabalhavam na comarca eram os drs. Carlos Hugueneu Filho, Heitor Medeiros, Oclécio Barbosa Martins, Luiz Alexandre de Oliveira, Manoel Máximo da Fonseca, Demosthenes Martins, Lourival Azambuja, Fausto Matto Grosso Pereira, Aristóteles Ferreira, Paulo Coelho Machado, João Leite, João Magalhães, Ataliba Alvarenga e Dolor Ferreira de Andrade. O fórum funcionava ao lado da Prefeitura Municipal, esta na esquina da Avenida Afonso Pena com a Calógeras, onde

também era o tribunal do júri. A casa ao lado era sede do Rádio Clube, onde se reunia a sociedade na parte da manhã para jogos de carta e à noite para festividades, inclusive bailes. O presidente do Rádio era o Mário Quintanilha Ribeiro, oficial médico do Exército, cujo desafio maior era a construção da sede própria do clube, na Rua Pe. João Crippa.

O prefeito Demosthenes Martins havia reformado o prédio do clube e o destinou à Câmara Municipal e ao fórum da comarca, guarnecendo-o de mobiliário condigno. E o clube passou a funcionar na nova sede.

Em função da nossa participação na Segunda Guerra Mundial, fui convocado e, como soldado, passei a lecionar na Escola Regimental do 18º Batalhão de Caçadores de Campo Grande. Exercitei também o cargo de advogado na Justiça Militar.

No exercício da advocacia criminal aprendi a falar em público; eu que era tímido e tanto dependia da oratória para defender os clientes e, mais tarde, para sustentar os direitos da cidade e do estado na comunhão nacional.

Comprazia-me nas defesas escritas ou orais, inclusive no júri, quando a luta alcançava o ápice de sua importância na salvaguarda da liberdade dos cidadãos.

Procurei o tio Vespasiano, cujo consultório ficava na Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de julho, em salas da Farmácia Royal, e entreguei-lhe carta do meu pai, na companhia do tio João. Acolheu-me bem e aconselhou-me a trabalhar e não brigar com o juiz, para não dificultar a carreira. Assim agi ao longo da vida profissional: se as sentenças me eram contrárias, interpunha os recursos cabíveis, não ofendia o juiz. Estudava com afinco, trabalhava bastante e formei boa clientela.

Casa comercial de ponta era a Nhanduti, na rua 14 de Julho, pertencente ao casal Ramonita e João Akamine; ela, habilidosa e alegre, sabia melhor que ninguém comprar e vender bons presentes. Acabaram vendendo a casa comercial para dona Áurea Barbosa Klafke e seu marido Olímpio Klafke. Passado algum tempo, adquiriram outro estabelecimento do mesmo ramo e na mesma rua, por isso tiveram que responder a uma ação indenizatória da parte de dona Áurea e seu marido. Foi o meu primeiro trabalho forense de repercussão. Obtive ganho de causa para Ramonita e o marido, tanto na comarca como no tribunal de justiça, ao tempo em Cuiabá. Novas vitórias ocorreram na área civil e também na criminal, pois me familiarizara com o júri e já comparecia à tribuna como bom lidador.